

Aula de Literatura Brasileira VI



Prof. Jaime Ginzburg - 22/10/2020

Elementos fundamentais de “Pela noite”, de Caio Fernando Abreu

Dois personagens, que assumem nomes ficcionais para um encontro noturno

Pérsio e Santiago

Fundamentos:

- moraram em uma mesma cidade do interior
- lembram do seu Benjamim, um homossexual que residia nessa cidade
- se encontraram por acaso em uma sauna

Contraste entre os protagonistas

Pérsio:

- nunca se relacionou com um homem por mais de um mês
- associa o ato sexual a nojo
- atitudes extrovertidas, algumas falas muito longas, “histeria”

Santiago:

- namorou por seis anos Rejane
- teve um relacionamento por dez anos com Beto, que morreu em um acidente
- associa o ato sexual ao amor
- postura introvertida, diversas falas breves

Personagem

Personagens podem ser construídos de dois modos:

- “como seres íntegros e facilmente delimitáveis”.
- como seres “que não se esgotam nos traços característicos” e podem apresentar traços enigmáticos.

(CANDIDO, p.49) (slide da aula de 1/10)

Função do encontro

Pérsio e Santiago

Pérsio - as manhãs são péssimas

Santiago - as manhãs são brilhantes

Ambiguidade do encontro:

- Hipótese de construção de uma relação entre eles
- No contexto da casa noturna “Deer’s” - cada um poderia paquerar por sua própria conta
- nosso “conhecimento”, nossa “amizade”

“Pela noite”, de Caio Fernando Abreu

— Que que é isso, menino? Já não te disse que vamos virar a noite? Não me ouviu descartar agora há pouco mais uma succulenta FF*? — Imitou, a voz melosa: — *Ôi-tudo-bem-e-aí-tô-ligando-pra-saber-se-você-vai-fazer-alguma-coisa-hoje-à-noite*. Como se a gente tivesse *obrigação* de fazer alguma coisa toda a noite. Só porque é sábado. Essa obsessão urbanóide de aliviar a neurose a qualquer preço nos fins de semana, pode? Tenho vontade de dizer nada, não vou fazer absolutamente nada. Só talvez, mais tarde, se estiver de saco muito cheio, tentar o suicídio com uma-dose-excessiva-de-barbitúricos, uma navalha, um bom bujão de gás ou algo assim. Se você quiser me salvar, esteja à gosto, coração. *God!* Um dia acabo mesmo dizendo, porra. — Acendeu outro cigarro. — Cansado nada. Só um pouco. Histérico, acho que estou meio *histérico*, não estou? Você deve estar me achando completamente louco. Cabeça a mil, garoto. Aí começo a falar e não paro mais. — Ergueu lentamente os ombros, depois soltou-os, com um gemido. — Olha, vou tomar uma boa chuveirada, fazer uma bela barba. Aí te mostro a minha outra face, que você ainda não viu. Uma face limpa, barbeada, saudável, equilibrada, gentil, simpática, madura & razoável. Cheirando a sabonete phebo, creme de barbear boz-

Recursos formais

Conjuntos de palavras integradas com hífen

Utilização de fonte em itálico

Frases interrogativas

Recursos formais

Parataxe

(recurso aparece em “Os sobreviventes”, “Depois de agosto” e “Pela noite”)

Elementos temáticos

A atenção ao que o outro poderia estar pensando

Referências a suicídio e à histeria (articular com seu Benjamim)

Cisão do sujeito

“Os obedientes”

E pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas. Eles não tinham o que contar.

(slide de 8/10/2020)

Em “Pela noite”, Pérsio e Santiago escutam histórias um do outro

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou a felicidade no gueto. In: ARIÉS, Philippe et alii. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.57.

tem como unidade de base o orgasmo.

A primeira dessas condições, separar o interesse sexual da procriação, é preenchida pela própria definição da homossexualidade. Além disso, a proibição da homossexualidade com certeza reforçou e acelerou a separação entre sexualidade e tendências afetivas. A proibição contribuiu também para que a vida homossexual fosse submetida a um cálculo racional. Toda vida clandestina exige uma organização que minimize os riscos e ao mesmo tempo otimize a eficácia. Resultam daí, no caso da homossexualidade, o isolamento do ato sexual no tempo e no espaço, a restrição a um mínimo de ritos de preparação ao ato sexual, a dissolução da relação imediatamente após o ato, o desenvolvimento de um sistema de comunicação que permita essa minimização dos investimentos ao mesmo tempo em que eleve a um nível máximo os rendimentos orgâsmicos.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou a felicidade no gueto. In: ARIÉS, Philippe et alii. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.61.

dividem o meio em subgrupos. O primeiro é o grupo dos homossexuais de uma maneira muito diferente. Raros são os que conseguem se libertar da socialização a que foram submetidos na infância, socialização exclusivamente orientada para uma vida heterossexual: de onde os complexos de culpa e de ódio de si mesmo. E mesmo uma vez liberados dos modelos de vida heterossexual interiorizados durante a influência, poucos homossexuais aceitam facilmente as pressões de produtivismo sexual que dominam o meio. Em uma palavra, as condições do "coming out", isto é, a integração no meio homossexual e a afirmação sem angústia da homossexualidade para o exterior só raramente são preenchidas. A maioria dos homossexuais permanece sujeita à gestão esquizofrênica de suas vidas. O hábito homossexual, que guia a maneira de viver, resulta da socialização anterior ao coming out e do grau de interiorização das regras do meio. Bell e Weinberg estabeleceram quatro tipos de homosse-

... diferem de acordo com essas duas dimensões (ver Es-

PEREIRA, Vitor Hugo. Marcas no corpo, no texto e na cena de Caio Fernando. In: SANTOS, Rick & GARCIA, Wilton,orgs. *A escrita de Adé*. São Paulo: Xamã, 2002.

Em “Pela noite”, é apresentado um percurso “através das fantasias possíveis, das experiências malfadadas e dos espaços característicos de dois personagens representativos de tendências dominantes na comunidade homossexual brasileira nos anos 1980: aquele que busca uma relação estável e o que se mantém disponível para encontros breves”. (p.107)

Referências musicais

Astor Piazzolla & Gerry Mulligan, “Years of solitude”

<https://www.youtube.com/watch?v=C15OTz1kT6Y>

Billie Holiday, “I’m a fool to want you”

<https://www.youtube.com/watch?v=qA4BXkF8Dfo>

(no apartamento de Pérsio)

Referências musicais

Marina Lima, “Quem é esse rapaz”

<https://www.youtube.com/watch?v=1Ii7nHkdk5I>

O conto inclui muitas referências literárias e cinematográficas.

Conexão entre Santiago e Beto: Clarice Lispector, Franz Kafka, Albert Camus, Glauber Rocha, Jean-Luc Godard e outros.

Referências urbanas

Avenida Paulista

Avenida Rebouças

Faria Lima

Espaço narrativo

A cidade do interior - lembrada principalmente pela homofobia

São Paulo

Terra de Marlboro (espaço sacrificial)

A capa de chuva (“redoma”)

Fantasia durante a embriaguez - espaço onírico

Tempo narrativo

Uma linha temporal expõe uma sequência de ações

Existem momentos de rememoração (especialmente na pizzeria)

Outra linha temporal surge na fantasia durante a embriaguez

Tempo psicológico: introspecção estende a percepção de tempo para um personagem, por exemplo, durante o banho de Pérsio, para Santiago

Envolvimento: o passado de Santiago

Mas Pérsio estava mergulhado nas palavras dele, um menino antigo ouvindo uma história de fadas, bruxas, príncipes. Chegara a esquecer a ponta do cigarro aceso entre os dedos, boca entreaberta, olhos arregalados, mais próximos do verde, assim, a luz batendo direto na íris clara. Quis alertá-lo, as estrelas de nossa

Envolvimento: o passado de Santiago

pinta baixo-astral. Mas pode perguntar que bebida, isso: o que é que você está tomando, garotão? E você diz: um supernovo drinque, chamado *Perto do Coração Selvagem*. Que tal?

— Não brinca com isso, porra.

Béocio tinha certeza de que Santiago estava falando sério.

Envolvimento: o passado de Santiago

— Somos — disse Pérsio. Apertou mais o ombro de Santiago. — O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos.

— Aff Maria, *dez anos*? Que loucura, gente.

— Eu disse DEZ anos. E é bom você ir-se mandando porque além de detestar veado, ele morre de ciúmes. Por qualquer coisinha, fica completamente louco. Sai virando mesa, quebra tudo e parte a cara de quem pinta pela frente.

Carlinhos empalideceu, pediu desculpas, licença e sumiu. Pérsio bateu na mesa.

Envolvimento: o passado de Santiago

a mão ficou parando tremula no ar, pouco acima da blusa vermelha. — Olha, cara, de repente você está brincando com coisas muito sérias para mim. Você não tem esse direito. Primeiro foi o cu, se eu dava o cu para ele. Quer saber, quer mesmo saber? Pois eu dava, sim. Ele dava, também. Sem culpa, com prazer. Sem doença. A gente se amava, será que você é capaz de entender isso? Será que você consegue esquecer por um segundo a sua monumental frustração para entender que outras pessoas podem ter tido relações mais dignas que as suas? Depois foi no carro, aquela história de alguém perguntar que livro eu estava lendo. E agora você acabou de me chamar pelo nome dele. Você não pode fazer isso. Uma pessoa não é só um amontoado de frasezinhas supostamente brilhantes. Você não sabe o esforço enorme que estou fazendo para. — A mão no ombro baixou, apertou forte. Pérsio olhava para ele como se não compreendesse sequer a língua que falava. A voz de Santiago era apertada e rouca. — Ah, você e seus truques. Você e suas palavras impensadas. Você e suas brincadeiras espirituosas. Você e seus traumas, seus ódios, seus nojos. Eu não tenho nada a ver com isso. Estou

O baixo corporal

... Fiquelas mentiras, porra, eu só tinha uns treze anos. Fiquei com um nojo. Entre dois homens, amor é igual a sexo que é igual a cu que é igual a merda. Sabe que não agüento merda? Eu vejo um cara e gosto e tal e me aproximo e rola umas, sempre rola umas, porque eu canto bem, eu sei cantar, veja que vaidade, e daí eu penso, Deus, daqui a pouco a gente vai pra cama e chupa daqui, chupa dali, pega, baba, roça, morde, e

no fim inevitável tem o cu e a merda no meio.

... que as coisas quebrassem. Mas não quebraram.
— Por mais flores e risos e beijos e carinho e, droga, *compreensão mútua* e ma-tu-ri-da-de. Por mais apaixonado, por mais legal. Para mim, nunca. Fica um cheiro

O baixo corporal

“Estou falando da realidade que está abaixo da cintura e que a roupa encobre. Refiro-me à nossa cara animal, sexual: a bunda e os órgãos genitais. (...) A cara ri da bunda e assim traça de novo a linha divisória entre o corpo e o espírito” (p.10-11)

PAZ, Octavio. *Conjunções e disjunções*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

O baixo corporal

Artisticamente, o rebaixamento expressa que “todas as coisas sagradas e elevadas aí são reinterpretadas no plano material e corporal.” (p.325) Em Rabelais, existem várias imagens “que evocam a substituição do rosto pelo traseiro, do alto pelo baixo. O traseiro é o “inverso do rosto”, o “rosto às avessas”.” (p.327).

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

O baixo corporal

— Pode ser, mas. Suponhamos. Eu já vivi isso. E se realmente gostarem? Se o toque do outro, de repente, for bom? *Bom*, a palavra é essa. Se o outro for bom para você? Se te der vontade de viver? Se o cheiro de suor do outro também for bom? Se todos os cheiros do

corpo do outro forem bons? O pé, no fim do dia. A boca, de manhã cedo. Bons, normais, comuns. Coisa de gente. Cheiros íntimos, secretos. Ninguém mais saberia deles se não enfiasse o nariz lá dentro, a língua lá dentro, bem dentro, no fundo das carnes, no meio dos cheiros. E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor? Quando você chega no mais íntimo. No tão íntimo, mas tão íntimo que de repente a palavra *nojo* não tem mais sentido. Você também tem cheiros. As pessoas têm cheiros, é natural. Os animais cheiram uns aos outros. No rabo. O que é que você queria? Rendas brancas, imaculadas? Será que amor não começa quando nojo, higiene ou qualquer outra dessas palavrinhas, desculpe, você vai rir, qualquer uma dessas palavrinhas burguesas e cristãs não tiver mais nenhum sentido? Se tudo isso, se tocar no outro, se não só tolerar e aceitar a merda do outro, mas não dar importância a ela ou até gostar, porque de repente você até pode gostar, sem que isso seja necessariamente uma *perversão*, se tudo isso for o que chamam de amor? Amor no sentido de intimidade, de conhecimento muito, muito fundo. Da pobreza, e também da nobreza do corpo do outro. Do teu próprio corpo, que é igual, talvez